

Identificando e construindo coleções: colecionadores em campo¹

Carla da Costa Dias
PUC-Rio; LACED-MN

Resumo

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre o lugar do colecionador na Coleção Regional do Museu Nacional. A Coleção Regional, embora seja identificada como um arranjo homogêneo é formada por diversos subconjuntos distintos entre si. A análise de todas as listagens e relações encontradas nos arquivos do Setor de Antropologia me levou a fazer um novo recorte da Coleção Regional, partindo da categoria ‘colecionador’ em sua relação com o ‘curador’, no caso, o diretor do Museu. Neste trabalho, pretendo destacar a contribuição do colecionador Luiz de Castro Faria, por sua produção intelectual sobre o meio sociocultural de onde provinham as peças, como também de outros colecionadores-naturalistas responsáveis pela aquisição da Coleção Regional.

Palavras-chave: colecionador, Museu Nacional, coleção regional

O Museu em atribuições - A Coleção Regional

O Museu Nacional foi uma instituição-chave na composição da rede política que elaborou as bases da construção de um projeto para proteção de um patrimônio nacional. No Museu Nacional, as coleções de "cultura material", formadas ao longo dos 180 anos da instituição, apresentam uma grande heterogeneidade tanto no que diz respeito à procedência geográfica dos objetos, quanto ao material empregado e à função que lhes é atribuída. Durante todo o século XIX e início do século XX, as expedições de caráter científico foram numerosas, e diversas coleções etnográficas foram formadas nesse período.

Souza Lima (1989) destaca a importância que as coleções científicas tinham no início do século para os estudos de História Natural, o que posicionou o Museu Nacional num lugar de destaque no contexto.² Os modelos tanto da instituição como dos métodos científicos eram os propostos pelos museus europeus. Ressaltava-se a importância em constituir e sistematizar coleções, de modo a se exercer um controle sobre a evasão desses objetos feita pelos viajantes. O autor aponta para o que pode ser pensado como um saber nacional, para a produção de uma “ciência nacional” (e nacionalista) no Museu Nacional, que assumiu uma

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

² Durante as duas primeiras décadas do século XX, todo o esforço do Setor era dirigido às coleções indígenas, "carro-chefe" da instituição, somando aproximadamente cerca de 30.000 peças, o que representava grande parte do acervo.

posição de possuidor de um capital científico através, também, do acervo que detinha, ponto fundamental do modelo de um museu de história natural.³

Com o golpe de Estado de 1937, Heloisa Alberto Torres, diretora interina do Museu, foi confirmada na direção por Getúlio Vargas. Neste mesmo ano, o Museu passou à alçada da recém-criada Universidade do Brasil.⁴ A Constituição de 1937 vetou a acumulação de cargos públicos remunerados na União, estados e municípios⁵, criando verdadeira crise no Museu Nacional.⁶ A crise institucional no Museu, em consequência da falta de pessoal e de recursos, impedia arrojos administrativos. Foram várias as estratégias administrativas que permitiram a Torres constituir a Coleção Regional. A dotação orçamentária do Museu era muito restrita, acentuada pelo período de guerra que se vivia, quando os intercâmbios internacionais eram limitados. O fato de a diretora conhecer e manipular os meandros da burocracia permitiu que os recursos fossem aproveitados de maneira profícua.

O conjunto denominado *Coleção Regional* foi constituído fundamentalmente neste período. Sua formação baseou-se no conjunto anteriormente identificado como *Coleção Sertaneja*, inaugurada por Roquette-Pinto em 1918. Heloisa Alberto Torres privilegiou os aspectos materiais da cultura, afinada com o propósito das pesquisas em museus. Quando assumiu a direção do Museu, Torres pretendeu fazer de sua disciplina, a antropologia, um instrumento científico para a preservação da cultura brasileira, assim como enxergava o Museu como parte de uma política cultural abrangente, de expressão nacional, em concordância com os ideais do governo totalitário de Vargas.

A *Coleção Regional*, embora seja identificada como um arranjo homogêneo, é formada por diversos subconjuntos distintos entre si. O que os caracteriza como uma unidade é seu próprio pertencimento ao Museu e o olhar institucional que o situa numa determinada historicidade.⁷ Embora alguns conjuntos não sejam quantitativamente relevantes, considero importante explicitar alguns processos e os agentes responsáveis pelos mesmos. A Coleção é um conjunto bastante heterogêneo, seja com referência à região de procedência das peças, seja pelo tipo e pelo material do que foi colecionado. Mas sua heterogeneidade deve-se,

³ Cf. Souza Lima, 1989.

⁴ Fazer excursões no interior do país, colhendo material para estudo, enriquecendo sempre as coleções foi uma das determinações da legislação do Museu Nacional quando ingressou na Universidade do Brasil. Ofício n.634 de 18/12/37.

⁵ Art.159, regulamentado pelo decreto-lei n.24/37 de 1938. Castro Faria, 1998.

⁶ Em 1940, o Museu retorna à alçada do Ministério da Educação e Saúde para, em 1945, com o fim do Estado Novo, voltar a vincular-se à Universidade do Brasil.

⁷ Regina Abreu (1996), ao se debruçar sobre os significados em torno da doação de uma coleção específica ao Museu Histórico Nacional, mostra o processo pelo qual esses objetos passam a ser reconhecidos como valores e, desse modo, fazem parte de estratégias de consagração social acionadas através do ingresso no museu, engendrando estratégias de afirmação institucional que podem ser estendidas em nível da legitimação do Estado, pois se trata também de um museu nacional.

principalmente, à forma e aos agentes responsáveis pela coleta. No Museu, a Coleção está registrada em diferentes *Livros de Tombo*, o que já indica uma descontinuidade reforçada pela heterogeneidade dos itens reunidos. Os registros pouco informam sobre o objeto em si, sobre sua materialidade, mas fornecem algumas indicações a respeito das relações sociais que o levaram a fazer parte do acervo do Museu Nacional, a instituição de maior prestígio no campo da ciência do país, no período estudado: 1918-1951.

Os Naturalistas em campo

Havia, dentre os agentes reconhecidos e identificados como colecionadores, pessoas que eram, de certa forma, especialistas, isto é, os objetos que coletavam podiam não constar de seu objetivo imediato de pesquisa, mas neles eram capazes de reconhecer significados que os colocavam num determinado contexto de análise, seja cultural ou estético. São estes por exemplo: Raimundo Lopes e Luiz de Castro Faria. Outros, ao contrário, foram quase intermediários, encontravam os objetos durante as viagens de campo, tendo coletado por encomenda da diretora ou da instituição. Assim foram reunidas partes do conjunto Coleção Regional, com peças atribuídas aos naturalistas do Museu vinculados a setores alheios à Etnologia. Estes são os pesquisadores: José Vidal, Othon Leonardos, João Moojen de Oliveira.

Heloisa Alberto Torres monitorava algumas excursões e para tal obtinha franquia telegráfica, o que facilitava a correspondência com os naturalistas em viagem que a informavam sobre seu destino, o andamento dos trabalhos e a consultavam sobre a aquisição de coleções. Ela solicitava também ao ministro Gustavo Capanema, autorização para fornecer passagens e transporte de bagagem aos naturalistas e outros estudiosos em viagem ao interior do país.

A dificuldade maior era a comprovação dos escassos recursos para a realização das excursões. Neste ofício a diretora Heloisa Alberto Torres, tenta esclarecer as instâncias burocrático-administrativas a respeito do caráter das viagens e da natureza dos procedimentos em campo, justificando o injustificável e expondo certas práticas e rotinas dos naturalistas em quando em suas excursões envolvem coleta de material e, principalmente, compra, quando se trata de objetos para as coleções etnográficas do museu.

(...) já tive ocasião de expor verbalmente e por escrito certas circunstâncias em que se realizam as excursões dos naturalistas no interior do país. Os especialistas que podem ser destacados para fazer cada trabalho são sempre em número inferior ao que seria desejável. Quando chegam a qualquer cidade ou lugarejo têm sempre múltiplas providências a tomar: apresentar-se as autoridades para pedir informações sobre as pessoas mais influentes na zona a ser percorrida e as que desejam procurar para obter apoio aos seus

trabalhos; ocupar-se do transbordo da carga do meio de transporte até então utilizado para o que será adotado em seguida; abrir volumes cujo conteúdo se torne desde logo necessário; fazer as últimas aquisições de material cujo acondicionamento tem que ser previsto conforme as exigências dos meios de transporte disponíveis até o fim do trajeto (tipo e capacidade de barcos, lombo de animal, dorso de homem); contratar o pessoal necessário a serviços auxiliares. (...) ⁸

Além dos naturalistas da Seção de Antropologia, houve outros que, embora vinculados a diferentes seções, contribuíram para a formação das coleções etnográficas, de um modo geral, e para a Coleção Regional, de modo restrito. Diferentes vínculos e interesses envolveram esse colecionamento. Alguns, como Candido Mello-Leitao e Jose Vidal, tinham uma relação mais estreita com a diretora; outros, como Othon Leonardos, ao contrário dos primeiros, eram adversários no campo institucional e político, tendo Othon disputado com Torres a eleição para ocupar o cargo de direção do Museu, em 1946. Estes naturalistas tinham em comum o fato de realizarem pesquisa de campo pelo interior do país e, principalmente, uma ampla formação, o que propiciou a coleta, em alguns casos bastante especializada, com anotações de interesse para os trabalhos naquele momento.

Coleção José Vidal

A coleção atribuída a José Vidal foi reunida pelo naturalista em 1939, no município de Torres, Rio Grande do Sul, onde esteve como representante do Museu. Vidal contou com o empenho da diretora para realizar sua excursão ao sul e recebeu dessa uma missão: colecionar. Comunicava-se por telegrama com Torres, informando seu itinerário, as possibilidades de colecionamento e as condições de pesquisa, o que indica uma relação de proximidade intensa.

Em 1954, José Vidal reuniu para o Museu uma coleção propriamente dita, ao contrário da primeira, em que os objetos etnográficos classificados como regionais eram ocasionais, isto é, não diziam respeito ao seu objetivo específico: recolher material arqueológico para o Museu. Em 1954, reunir a coleção parece ter sido sua principal incumbência, pelo tipo de artefato coletado, demonstrando uma intencionalidade. Algumas peças foram adquiridas com mais de um exemplar, ao invés da coleta ilustrativa feita comumente pelos naturalistas em suas excursões. Esta foi a última coleção de objetos de cultura material de caráter regional deste período aqui recortado. Na *“relação do material de interesse etnográfico adquirido pelo Naturalista José Vidal, na “Feira de Sant’anna”, na cidade de Feira de Sant’anna, no Estado da Bahia, para a Divisão de Antropologia e Etnografia do Museu Nacional, em abril de 1954”*, preparada por Vidal para a catalogação da DAE, o naturalista separou as peças de

⁸ Processo n. 28957/43. Pesquisas e explorações científicas. 6 p. Estudo da prestação de contas da verba de oitenta mil cruzeiros entregue em forma de auxílio ao naturalista classe “M” Heloisa Alberto Torres.

acordo com o material e informou seu preço. Três são as categorias relacionadas: cerâmica; palha e couro.

Coleção Othon Leonardos

Engenheiro de minas do Ministério da Agricultura, respeitado mineralogista, foi transferido para o MES em 1939, quando ingressou no Museu como naturalista da Divisão de Geologia e Mineralogia.⁹ A coleção atribuída a Leonardos foi *adquirida e oferecida* ao Museu no final de 1938, quando este esteve em excursão por Pedro Afonso de Norte, Goiás; Abaeté, na foz do Tocantins, Pará; Cametá, no baixo Tocantins, Pará; Petrolina, no rio São Francisco, Pernambuco.

Coleção Candido Mello Leitão (1886-1948)

Mello Leitão, naturalista da Seção de Zoologia, também reuniu artefatos em suas excursões de pesquisa.¹⁰ Algumas das anotações referem-se à doação em Minas e na Bahia. Em julho de 1937, adquiriu e ofertou ao Museu um pequeno conjunto de seis objetos provenientes da feira de Campina Grande. Mello-Leitão mantinha, principalmente com Roquette-Pinto, uma relação de respeito e proximidade, que se estendeu a Heloisa Alberto Torres. Professor aposentado, publicou na Revista do Museu os artigos “Pigmentos Vegetais”, no primeiro número, e “Mimetismo”, no segundo número da Revista. Ele tinha especial interesse pelas expedições científicas, assunto de sua tese e também um dos temas do Congresso de História do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1938, no qual Mello-Leitão foi relator.

A coleção atribuída a Mello Leitão foi formada em coletas durante suas excursões de pesquisa. É composta, portanto, na sua quase totalidade, até em função de não ser extensa, de itens

Coleção João Moojen de Oliveira (1904-1985)

João Moojen de Oliveira era naturalista da Seção de Zoologia. Publicou no primeiro número da Revista do Museu o artigo “Capivaras”; no segundo, “Uiraçu”; no terceiro, “O Corrupião”.¹¹ Moojen, como se vê, participava da rede de relações sociais e intelectuais próximas a Torres e seus parceiros. No registro, sublinha-se a *oferta* da coleção pelo Dr. Sr. J. Moojen em março de 1938. Pelos dados anotados no catálogo, percebe-se um coletor treinado, que busca informações sobre o que adquire, especialmente dados relativos ao material e à técnica de fabricação. Algumas peças foram trazidas para o Museu em 1953.

⁹ Othon Leonardos, participou também da comissão brasileira designada para compor a participação na Exposição do Centenário, em Portugal, 1940. Preparou o “Mapa geológico do Brasil e de parte dos países vizinhos, mandado executar pelo Exmo. Sr. Ministro da Agricultura Dr. Fernando Costa”.

¹⁰ N. 1 de agosto de 1945 e N. 2 de dezembro de 1945.

¹¹ Em 1943, Moojen havia publicado “Captura e preparação de pequenos mamíferos para coleções de estudo. 98p., il., na Série A. Manuais do Museu Nacional, n.1.

Coleção Antenor Leitão de Carvalho (zoologia)

Carvalho era naturalista, ictiologista, da Seção de zoologia. Foi um dos naturalistas treinados pelos pesquisadores estrangeiros que trabalharam no Museu, como já mencionado no capítulo anterior.¹² Como se pode observar, seus interesses e especialidade orientaram o colecionamento, de modo que os artefatos não são recolhidos aleatoriamente, mas a partir de um olhar especializado que identifica e atribui significado às peças. A excursão de Antenor L. de Carvalho dirigiu-se à região do Baixo Amazonas e ao Pará, em 1939-1940.¹³

Os relatórios permitem conhecer como se dava a formação de um naturalista, principalmente na DAE no Museu no período recortado. Além do aprendizado cotidiano junto aos objetos e a tudo que envolvia a sua conservação, restauração e documentação, era também requisito a assistência às aulas, aos cursos e às prelações. As relações entre pares são fruto de um reconhecimento do campo em que se está imerso. Em suas práticas de coleta, arrecadavam elementos que, reunidos, criavam o corpo institucional. Entre os naturalistas da Divisão que contribuíram de forma mais efetiva para a formação da chamada Coleção Regional foram Raimundo Lopes e Luiz de Castro Faria.

Coleção Raimundo Lopes

Raimundo Lopes era naturalista do Museu desde os tempos de Roquette-Pinto.¹⁴ Suas pesquisas em antropogeografia indígena centravam-se no Maranhão, de onde ele provinha. Em 1935, Lopes fez diversas preleções e instruções práticas sobre assuntos etnográficos no Centro Arqueológico, no Instituto Lafayette e na Escola de Artes da Universidade do Distrito Federal, além de inúmeras palestras na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, algumas publicadas somente após sua morte, em setembro de 1941. No primeiro número da *Revista do Museu*, Raimundo Lopes publica o artigo “Antropogeografia – suas origens, seu objeto, seu campo de estudo e tendências”.

A coleção regional que compôs para o Museu foi fruto de suas excursões ao Maranhão, a maior parte referente ao ano de 1939, advinda de localidades como Pindaí, São José do Ribamar, Peralva, entre outras. Algumas peças foram adquiridas em anos anteriores, em 1927 e 1930.

Coleção Luiz de Castro Faria

¹² Carvalho publicou com Gerge Myers “A new dwarf toad from southeastern Brazil”, na *Zoologica: scientific contributions of the New York zoological society*, v. 37, e “Notes on some new of little known Brazilian anphibian”, no *Boletim do Museu* n. 35. Com Joseph Bailey, também no *Boletim do Museu*, n. 52, “A new leptotyphlops from Mato Grosso, with notes on leptotyphlops Tenella Klauber”, em 1946.

¹³ AHMN, pasta 120 doc. 146.

¹⁴ Roquette-Pinto comenta em *Seixos Rolados* das pesquisas realizadas numa jazida paleontológica no Maranhão de “um jovem e erudito naturalista do Museu Nacional, o professor Raymundo Lopes”. Para Roquette-Pinto, as peças por ele encontradas lembravam as de Marajó, mas não apresentavam figuras humanas (1927).

Castro Faria ingressou no Museu como praticante gratuito e foi formado, fundamentalmente, na prática do trabalho na Divisão de Antropologia e Etnologia e na excursão de Lévi-Strauss, que acompanhou como representante do Museu pelo Conselho de Fiscalização de Expedições Científicas e Artísticas do Brasil, devido ao empenho de Torres.

Os relatórios deixam patente seu trabalho junto à Coleção Regional. Em 1939, o naturalista dedicou-se à revisão e ao estudo, além de organizar um fichário sistemático da Coleção e informava que “será, posteriormente, composto um catalogo comentado da coleção sertaneja existente no nosso museu”.

Também fez trabalhos de restauro de miniaturas de embarcações da Coleção Alves Câmara. O relatório ressalta o valor excepcional dessas peças, que constituíam não só uma das coleções mais completas no gênero, como estavam entre as poucas adequadamente documentadas. As anotações informam a conclusão dos trabalhos preliminares de fichamento das coleções, com 474 fichas de peças de etnografia sertaneja que, adicionadas às 552 do mês anterior, somam 1026, sendo este o total de peças existentes na Coleção, naquele momento.

Em 1945, refere-se à excursão para estudar as coleções arqueológicas do Museu de São Paulo e as peças encontradas na cidade de Rio Claro. Fez outra viagem ao norte do estado do Rio de Janeiro para “completar observações já feitas na região, em especial na comunidade de pescadores” da Ilha de Convivência, na foz do Paraíba, e à feira semanal de Gargau, “um dos pontos de contato entre a zona litorânea e a do chamado sertão”. Numa terceira etapa, viajou para o Espírito Santo em busca de jazidas paleoetnográficas e para averiguar a possibilidade de estudar os imigrantes na região. Nessa ocasião, havia recebido a incumbência de Rodrigo Mello Franco de Andrade de realizar estudos de *Arte Popular e de Arquitetura Rural* e, por este motivo, estendeu a viagem aos municípios de Nova Almeida, Guarapari e Santa Teresa.¹⁵

Castro Faria, nesse mesmo ano, cuidou do exame e da separação de duas coleções de arte popular. São flores de conchas, rendas e fibras empregadas na confecção de redes de pesca, todas peças provenientes de Guarapari. Esta coleção está catalogada como Coleção SPHAN, embora possa ter sido adquirida por Castro Faria na excursão ao Espírito Santo, como registra em seu relatório à diretora. No entanto, o relatório não menciona a compra das peças.

A coleção atribuída a Castro Faria, que interessa no contexto desta pesquisa, foi reunida em março de 1938. Em uma relação feita pelo naturalista, os objetos são apresentados

¹⁵ AHMN. Relatório de 1945. Castro Faria relata à diretora o fato de ter sido acompanhado por Augusto Ruschi, *grande colaborador do Museu*, nesta etapa da viagem. Informa ainda que são positivas todas as possibilidades de pesquisa por ele analisadas, cabendo à diretora julgar quais são de interesse, pois é sua atribuição a superintendência do planejamento geral das excursões.

em três categorias, referidas basicamente ao estado de procedência: “I) *Seringueiros do Rio Machado (Gi Paraná), Mato Grosso; II) Estado do Amazonas; III) Estado do Pará*”.¹⁶

Além dessas peças, nos catálogos e no inventário há outras trazidas de excursões. Em 1940, trouxe um conjunto de aproximadamente 30 peças compradas no mercado de Campos, e de Lagoa Feia, na povoação de pescadores de Ponta Grossa de Fidalgos, no Rio de Janeiro. Estas peças, no conjunto da coleção Regional, tornaram-se exemplares, pois são praticamente as únicas procedentes do estado do Rio de Janeiro.



Fig. 1- Capitão – bóia usada nos aparelhos de pesca



Fig.2- cestinha de taquarinha para crianças, feita em mata da canoa, zona de agricultura

Além destas, outras peças como figas de cedro e pau-guiné; rede para recolher peixe; corda de imbirana e de fibra de guarima; vassourinha; peneira; colher de pau; farinha e cestas.

Colocações finais

Torres teve um papel fundamental nas coleções do Museu, tanto naquelas que formou em suas excursões, como nas organizadas em parceria com o SPHAN, além das que reuniu apoiada em seu papel de diretora e na relação com os naturalistas da Seção de Antropologia e com outras seções do Museu, como vimos.

Susan Pearce (1993) destaca que a maior parte das coleções museológicas não foi estudada pelos antropólogos e permaneceu relegada a um plano secundário. A ênfase das pesquisas antropológicas está no trabalho de campo, mais valorizado do que as pesquisas de gabinete e os objetos de cultura material. Examinei a Coleção Regional, desmontando a idéia de uma pretensa homogeneidade em que as práticas e os atores envolvidos parecem não existir. Através dos processos de coleta e registro, de guarda e de exposição como processos de institucionalização. Para Berta Ribeiro, em seu *Dicionário Indígena*, “o colecionador, a época e a forma de colecionamento têm importância crucial para a avaliação de uma coleção e suas possibilidades de estudo” (1985).

¹⁶ Somam 40 peças tombadas em 18-05-1939. Arquivo do Setor.

Os naturalistas, agentes ligados ao Museu Nacional, eram um grupo bastante heterogêneo. No conjunto de documentos reunidos pela administração geral, foi possível identificar a diversidade do conjunto de interesses e atividades e as diferentes práticas por eles empreendidas. Torres empenhou-se fortemente na formação de coleções, pois tinha particular interesse nos estudos de cultura material, objetos que justificam a existência de um Museu e trazem para ele valor e prestígio.¹⁷ Como visto, Torres agregava às viagens de pesquisa dos naturalistas a possibilidade de aquisição de material para as coleções do Museu, embora a prática do naturalista em campo muitas vezes não pudesse ser enquadrada nos itens previstos na prestação de contas.

Assim, as coleções não são consideradas como resultado de uma prática ocasional, mas fruto de um projeto, resultado de uma intenção, seja de ordem particular ou por encomenda direta, seja pela via da intermediação. Tratar destes conjuntos é uma forma de expor determinados enquadramentos, determinados processos sociais engendrados por agentes envolvidos em uma instituição de caráter nacional, nos anos 1940.

Bibliografia

- ABREU, Regina. "Síndrome de Museus?" In: *O museu em perspectiva*. Rio de Janeiro, Funarte, CFCP, (Encontros e Estudos, 2). 1996.
- *A Fabricação do Imortal - memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Lapa/Rocco. 1996.
- CASTRO FARIA, Luiz de. *Antropologia. Escritos Exumados 1. Espaço circunscrito, tempos soltos*. Niterói: Ed. UFF, 1998.
- *Antropologia: escritos exumados*. Dimensões do conhecimento etnológico, Niterói, Ed. UFF, 2000.
- Museu Nacional. O espetáculo e a excelência In: *Antropologia-Espetáculo e Excelência*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/ Tempo Brasileiro, 1993.
- CORRÊA, Mariza. "Dona Heloisa e a pesquisa de campo". In: *Revista de Antropologia*. São Paulo. 1997.
- "Traficantes do Excêntrico. Os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos anos 50". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 6 vol.3. 1988.p.79-98
- DOUGLAS, Mary. *How Institutions Think*. London: Routledge & Kegan Paul, 1987.
- GONÇALVES, José R. S. "Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais" In: *Estudos Históricos* n.2. 1988
- "O templo e o fórum: reflexões sobre museus, antropologia e cultura" In: Chuva, M. (org.) *A invenção do patrimônio*. Minc/IPHAN. 1995
- GRUPPIONI, Luiz Donisete Benzi. *Coleções expedições vigiadas*. Os etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas. São Paulo: HUCITEC/ ANPOCS, 1998

¹⁷ "Verba 3, consignação I, sub-consignação 51 – Item 14 – Desenvolvimento de explorações científicas no interior do país". Era sob esta rubrica que a diretora solicitava ao Ministro autorização para a realização de pesquisas, que incluíam o colecionamento de material antropológico e etnográfico do povo brasileiro.

- HOFFMANN, Maria Barroso. Apresentação. *Inventário Heloisa Alberto Torres*
www.laced@mn.ufrj.br
- NASCIMENTO, Fátima Regina. "Formação de um acervo etnológico no Museu Nacional no século XIX. Projeto de doutorado, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social – PPGAS – MN – UFRJ. 2002.
- PEARCE, Susan. *Museums, objects and collections: a cultural study*. Washington, DC: Smithsonian Institution Press. 1993.
- POMIAN, Krzysztof. "Coleções" In: Enciclopédia Einaudi, vol.1. Memória/História. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda: 51-86, 1984.
- RIBEIRO, Berta. "Museu e memória. Reflexões sobre o colecionamento", *Ciências em Museus* (1989)1 (2), 1991:109-22.
- ROQUETTE-PINTO, Edgar. Ensaio de Anthropologia Brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Série V Brasileira vol. XXII. 1933.
- *Rondônia*. [1917]. XXXIX, 1935 3ª ed.
 - *Seixos Rolados*. 1927 Série V - Brasileira vol. XXII. Companhia Editora Nacional, São Paulo.
- SOUZA LIMA, Antonio Carlos. Os museus de história natural e a construção do indigenismo. *Comunicação* nº 13. Rio de Janeiro: Museu Nacional, PPGAS, 1989.
- STOCKING JR., George W. *Objects and Others: essays on museums and material culture*. Madison: University of Wisconsin Press. 1985.
- TORRES, Heloisa Alberto. Contribuição para o estudo da proteção ao material arqueológico e etnográfico no Brasil. *Revista do SPHAN*, nº 1, 1937.